REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

JORNAL DOS INTERESSES PHYSICOS, INTELLECTUAES, E MORAES.

Collaborado por muitos Sabios e Litteratos — redigido por Antonio Feliciano de Castilho.

PROLOGO.

Está a Imprensa a grande altura, que senhorêa o mundo moderno. Se um diluvio o affogasse, a arca de salvação assentaria em pêso sobre o seu cume. — Tudo é por ella dominado; os povos e os thronos, a fecundidade dos campos, o bolicio e magía da industria, o tráfego do commercio, a guerra e a paz, o odio e o amor, os vicios, os crimes, as virtudes, os passatempos, as opiniões, os altares e os cultos.

Braços de novos Titões foram os que valeram a accumular montes sobre montes para chegarem a erguer tão magestosa eminencia, que o seu cume parece descobrir ainda para baixo de si uma parte dos céus e os mysteriosos destinos, que n'elles moram. Esta montanha singular, indestructivel e inconquistavel, viva, rumorosa e ecchoante, amassada de materia e de espirito, povoada de boas e más fadas, de anjos e demonios, de aves do paraizo e de serpentes, vestida de névoas e de luz, coroada de raios e tempestades, bemdicta e amaldiçoada de continuo, toda se desata em fructos, fontes e torrentes: — fructos, uns que mantêem, outros que matam, outros que embriagam, outros que adormentam; — fontes e torrentes perennes, que vão levar simultaneamente a fertilidade e a assolação até os confins do globo. — N'esta montanha cada povo tem o seu quinhão, que perfura de dia e noite, para que sáiam novos mananciaes. O allemão quasi ao cimo, mais abaixo o francez e o inglez, mais abaixo ainda outros em diversas alturas: o portuguez nas faldas, mas forcejando por subir como todos, porque a voz de «subir» subir» é a exhortação mutua, que em mil linguas diversas resôa de todos os lados.

Chegámo-nos a examinar de perto que fazia ahi a nossa gente, que tanto vozeava na obra, e achámos — que os seus trabalhos eram o que podiam, talvez até o que deviam ser, em relação ao presente, mas não o que deviam ser em relação ao futuro, e dissemos em nós «metteremos tambem á terra a nossa verruma.» A força, que Deus nos deu, applical-a-hemos, pouca ou muita, em procurar uma nova matriz, que, formosa, pura, doce, innocente e fertilisadora, vá regar a terra do nosso nascimento, a abençoada terra de nossos paes e de nossos filhos, tão descampada e erma até de esperanças. ¡ Vedes todas essas torrentes, que meandram e labirintam encontradas e estrondosas pela superficie d'ella, todas turvas, todas ameaçadoras, todas estereis, todas carregadas de despojos das suas margens! Cada uma se ufana com um nome pomposo, em que se julga encerrado um condão de regenerar: e esse nome não passa de um nome, e esse condão nem já chega a ser uma mentira.

¿ Por entre essas torrentes não devisaes aquelles arroios, menos ambiciosos e mais humildes, que só parecem aspirar á fama de aprasiveis? ¡ Ah! se elles ao menos soubessem, attraindo os animos aborridos, susurrar-lhes alguma alegria d'alma! algum desejo de paz interior! se as flores, de que vestem as suas margens tivessem alguma virtude medicinal! se ao menos as suas aguas espelhassem, aqui ou acolá, o céu, para com elle se espelharem nos espiritos! Mas todos os que á sua beira vão sentar-se, retirar-se-hão, como vieram, vasios de refrigério e de inspiração. Então attentámos em roda de nós e vimos amigos fortes e esforçados, todos prestes a ajudarnos: pozemos peito á obra, ainda não tentada n'este sólo: arrancámos valsas espinhosas, demovemos montes de contrastes e difficuldades, cavámos com fé, cavámos profundo, e por muito tempo, e a torrente copiosa, que haviamos sonhado, arrebentou e correu, inexhaurivel, graciosa e productiva.

Largos mezes teem passado sem que nem o tempo, grande transformador de tudo, nem maléficas influencias de algumas vontades ruins lograssem desviar de seu leito, torvar ou corromper esta espaçosa veia, que, da fidelidade, com que retrata quanto encontra em seu longo caminho, e por cima de tudo os céus amplissimos, se chamou Revista Universal. Não ousáramos nós a dar-lhe estes louvores, se os mais d'elles e quasi todos não houvessem de recaír sobre os animos bem nascidos, que nos ajudaram no primeiro trabalho, e desde então não cançaram ainda de andar encanando-lhe para dentro aguas sempre novas, das mais puras e selectas; abrindo-lhe sangradoiros, vallas e sargentas para todas as partes, onde se intendia que eram de mistér; segurando-lhe emfim e aformosentando-lhe as ribas com todo o genero de arvoredo de bons fructos e boas sombras.

Graças a esses amigos generosos e sinceros da terra patria, a Revista Universal é ao presente havida pelo manancial mais de bençam, de quantos por ora teem brotado para entre nós da immensa montanha.

Sobre este rio gira um grande tráfego de gente, que mercadêja os remedios para a vida, e de

outra, que vindo só a espairecer-se e folgar, lá acerta em alguma canôa, que passa inesperada com fazenda, que lhe aproveita: por isso de dia para dia vem affluindo de longe maior chusma a povoar as várzeas, e a recrear-se com esta vivaz e continuada variedade. O commercio, que n'esta paragem se tem feito, tem sido proficuo, honesto e de todas as sortes. Com elle se tem ajudado a industria rural e a industria fabril, a policia e aformoseamento da cidade, o fabrico das estradas e caminhos, a conservação e o restabelecimento da saude. Além d'estes beneficios terrestres e corporaes, que, tambem n'outras ribeiras da montanha, com mais ou menos efficacia se agencêam, outros se tem d'aqui espalhado de uma ordem superior, mais intellectiva e moral. Como n'aquellas grandes feiras fluviaes, que na China viu o nosso Fernão Mendes, onde, em barcaças arruadas e com muitas invenções de toldos e bandeiras, se vendem todas as coisas *a que se póde pôr nome*, sem exceptuar os livros de todo o vario saber e os idolos, e mais coisas concernentes a suas gentilicas seitas, assim aqui os interesses moraes, religiosos e eternos teem sido grangeados *a la par* dos sensiveis e morredoiros. Porque se intendeu geralmente n'este mercado, — e quasi todos os que a elle vem o confessam já, — que a civilisação das familias e a illustração da geração nova e das futuras pelas mães, eram materias de tamanho tomo, que se não havia de perder lanço de soltar nos ares palavras de crença e bom conselho, que as feirantes levassem para suas cazas, para devagar e a seu tempo lhes germinarem lá e darem o seu fructo. Por isso nós e quantos aqui concorrem com suas fazendas, havemos sempre diligenciado pôr ao alcance, e adubar para os paladares das espôsas e mães, e das filhas familias, que um dia o hão-de ser, (as quaes com parecerem os mais fracos entes de todo o mundo, são, bem lançadas as contas, as que a final o regem e transformam) as noções moraes e religiosas que hoje ninguem pelo commum professa n'esta desatadissima sociedade.

Um erro muito geral e muito damnado, é cuidarem alguns, contra o que já Cicero tinha declarado, contra o que os homens superiores de todos os tempos deviam egualmente ter sentido, que sem costumes se podem fazer leis de bom proveito. Os fabricantes de retalhos de leis, fazedores e desfazedores de ministerios, olham com lastima para os esforços dos que procuram a civilisação do mundo no centro do homem, na razão e consciencia.

É uma triste inversão de causas e effeitos supporem, que principiando por obrigar as acções a um certo molde feitiço, aperfeiçoarão a vontade intelligente que as produz. N'este sofistico presuposto são elles ainda mais generosos do que logicos, tolerando um simulacro de Christianismo. Se os seus milhões de projectos de leis fortuitas e desconnexas bastam para regenerar a face da terra, e bemaventurar o genero humano, ¿para que permittem o luxo do Evangelho? Que suprimam inteiramente essa verba de orçamentos, se lhes parece que para tanto teem força; mas a verdade é, que a trindade da alma humana, a fé, a esperança, e a charidade, tem feito mais individuos probos, mais familias afortunadas, mais cidadãos uteis e mais homens para a humanidade, que todas as constituições. Entre uma christã, constitucional ou não, e uma liberal que pôz o seu *veto* absoluto ás cerimonias da egreja, e o seu *veto* suspensivo á divindade de Christo ¿quem seria o parvo que escolhesse a segunda para sua mulher, para mãe e creadora de seus filhos? Entre o homem todo do cathecismo do mestre Ignacio e outro todo do cathecismo do cidadão de Volney ¿quem preferiria o segundo para amigo, para procurador, para socio no commercio, para advogado, para juiz, ou ainda para visinho de escada ou creado de portas a dentro? Dizem alguns, (e já nol-o teem dicto) que se falle embora nos interesses do Christianismo, mas rara, parca, e perfunctoriamente; que o mais desagrada e aborrece.

A estes taes, que da religião fazem palito para a hora do chylo, não havemos de responder senão que — ainda que ella não fôra demonstradamente verdadeira, como verdadeira a deveramos tractar e acatar por interesse do mundo. *Si Dieu n'existait pas il faudrait l'inventer;* dizia Voltaire, e antes de Voltaire já Ovidio havia dicto: —

> Expedit esse Deos; et, ut expedit, esse putemus:
> Dentur in antiquos thura merumque phocos.

Mas de mais, a Religião de S. Agostinho, de Bossuet, de Newton, de Chateaubriand, de Lamartine, de Alexandre Herculano, e de todos os reinos civilisados do mundo, nem póde ser falsa, nem indecente para ser prégada com perseverança.

Continuar-se-ha pois, como até agora, a saudar com a cabeça descoberta a Cruz todas as vezes, que no remar por estas aguas, a divisarmos perto ou longe em alguma das margens; e contando ás mulheres e creanças, como aos homens feitos e aos velhos, os successos novos, como é de uso n'estes mercados, não haverá pêjo em os moralisar: que o de mais é vaidade de palreiros e sarna de lingua de malbaratadores do tempo e das occasiões.

De uma coisa importa dar aqui satisfação mas que seja de fugida, visto como as horas nos apertam.

Murmuraram praguentos de ter havido n'esta feira, como em todas, algumas pendencias e reboliços, e mais ao certo falláramos, dizendo que murmuraram os que saíram d'ellas derrotados. Todas essas brigas e arruidos foram suscitados pelos ratoneiros e passadores de moeda falsa, que nunca faltam em taes ajunctamentos. Deram-lhes em cima os negociantes honrados e acabou tudo. Havia tambem ou traçavam-se obras de má morte, insensatas no pensamento, rudes na execução, ou desastradas pelos seus futuros effeitos. Clamou-se contra ellas, clamou-se rijo, e venceu-se, não ha n'isto vergonha, senão gloria. — Viu-se um hystrião forasteiro a querer enterrar as comedias e comediantes cá da terra, amortalhados em *dominós*, responsados por *freis-diabos*. Deu-se-lhe, e ressuscitou-se a arte. — Viu-se querer desbaratar o dinheiro do ensino em lavrar pedras e fundir bronzes para nenhum fim. Deu-se-lhe desenganadamente e vingou-se o senso commum. — Viu-se affugentar, corridos e affrontados os mestres, nossos conterrâneos, para fazer praça livre a uma edificação de pateo de comedias, cujo risco e segurança era a primeira de todas as comedias. Deu-se-lhe com alma, e se não se venceu o facto, venceu-se pelo menos a honra de lhe haver resistido. — Viu-se a

musica dos saráus e as profanidades mais profanas assentadas no templo. Deu-se-lhe á mão-tenente, e esses escandalos acabaram. — Viu-se que havia um posto, que namorava suicidas e que importava condemnar. Deu-se em quem o consentia, e vedou-se. — Viu-se que a propriedade litteraria era violada ou desconhecida. Deu-se e tornou-se a dar nos ladrões, e rarearam-se. — Viu-se que os contrabandistas de uma religião falsa andavam empalmando a seu salvo. Deu-se-lhes, e tambem se cohibiram estes. — Viu-se que andavam ahi ciganos, substituindo ao fallar liso e nativo da nossa gente a sua gerigonça, o seu vasconço, a sua gira. Deu-se-lhes, e se não se emendaram, é porque gente d'essa não tem emenda; mas precataram-se os incautos, e ressuscitou-se o amor e curiosidade da boa falla conterrânea, lídima e sincera. — Viu-se um cardume de bufurinheiros, trazendo nas suas arquêtas, sob o titulo de novellas e comedias *a la* moda em França, muita louçainha de pexisbéque, muito alquime doirado e muito frasquinho de peçonha. Deu-se-lhes, e alguma coisa se conseguiu já; com teimar em se lhes bater, conseguir-se-ha o restante. — Viu-se..... viu-se muito outro despropósito de gravissimos damnos para agora e para o diante: e deu-se-lhes sempre como era razão e boa justiça que se lhes desse.

Para chamardes má lingua a quem reprova, haveis primeiro de mostrar que as obras do reprovado não foram ruins....

Por aqui nos cerramos.

A feira continúa franca. — Todo aquelle que n'ella quizer vir assoalhar e negociar fazendas de lei — que venha nas boas horas. Para todos ha ahi logar. Surgirá o seu batel aonde lhe aprouver, e mercadejará a seu contento e com todo o seguro. — Liberdade de commercio é o bando que se lançou, e que se ha-de manter n'esta feira de todo o anno.

ADVERTENCIAS DA EMPREZA.

A REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE assigna-se e paga-se em Lisboa unicamente no seu Escriptorio = rua dos Fanqueiros n.º 82, 1.º andar.

Vende-se avulso no dito escriptorio e na loja da viuva Henriques, rua Augusta n.º 1.

Tambem se assigna e paga no Porto nas lojas de José Joaquim Rodrigues dos Sanctos = Novaes = e Queiróz. = Em Coimbra recebe as assignaturas e a sua importancia J. M. S. de Paula, na imprensa da Universidade, e em Faro o Sr. José Coelho de Carvalho. Os Srs. Assignantes, tanto antigos como modernos, podem ou mandar pagar em Lisboa directamente ao escriptorio do jornal, ou em lettra remettida em carta franca de porte, ou a qualquer dos dictos correspondentes como melhor lhes conviér.

Toda a correspondencia, franca de porte, deve ser remettida ao administrador do jornal, Manuel Maria Corrêa Seabra, rua dos Fanqueiros n.º 82, 1.º andar.

Unicamente se recebe, sem ser franca de porte, a correspondencia de noticias de acontecimentos notaveis, occorridos na provincia, ou outras de egual interesse; e muito se roga a todos os que se empenham na prosperidade do jornal, queiram enviar d'estas noticias todas quantas colherem, na certeza de que exigindo será guardado escrupuloso segredo.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

Por 12 n.os	600 rs.
24 »	1$200 »
48 »	2$400 »
Avulso, cada n.º	80 »

Tendo-se acabado alguns dos n.os do 1.º vol., e sendo requizitadas collecções, estão-se reimprimindo os n.os que faltam, e de 15 de setembro em diante achar-se-hão á venda no Escriptorio do jornal, rua dos Fanqueiros n.º 82, 1.º andar, e na loja da viuva Henriques, collecções completas do 1.º, e do 2.º vol. da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, com os respectivos indices, e pouco depois serão tambem remettidos aos correspondentes supra indicados, aonde os póde mandar comprar quem os desejar.

PREÇO DE CADA VOLUME.

Em papel..............	2$400 rs.
Em broxura............	2$440 »
Meia encadernação.......	2$600 »
Encadernação inteira.....	2$700 »

Em consequencia da mudança da administração do jornal, poderá succeder que algumas pessoas recebam em duplicado, e que algumas não recebam: pede-se desculpa d'esta falta involuntaria, e roga-se aos Srs. a quem faltar queiram avisar.

Aquelles Assignantes a quem não convier receber pelo correio, e sim pelos correspondentes, o que sempre é muito mais demorado, queiram avisar d'isso á administração do jornal, pois á falta de declaração, intender-se-ha que o querem receber pelo correio e por este lhes será remettido.

A REDACÇÃO NÃO RESPONDE PELO STYLO E LINGUAGEM DOS ARTIGOS ASSIGNADOS OU COMMUNICADOS.

CONHECIMENTOS UTEIS.

COMPANHIA PROTECTORA DO COMMERCIO E AGRICULTURA DOS VINHOS DA ESTREMADURA.

2028 Por muito tempo gozou a Provincia da Estremadura das vantagens e riqueza, resultado da grande cultura das Vinhas: seus productos vinicolas encontravam mercado constante, e exclusivo no Brazil, aonde se consumia quanto sobejava do consumo em Portugal; esse tempo feliz passou, o mercado do Brazil de exclusivo para Portugal, tornou-se geral para todas as Nações, e a Estremadura caíu da riqueza e abundancia, na mediocridade, e pouco depois na miseria, que de anno para anno teem augmentado, e que, a ir por diante, ameaça uma ruina infallivel.

A pipa de Vinho, que ha 20 annos valia regularmente 40$000 rs., ha dez valia apenas 20$000 rs.; e no anno proximo preterito desceu ao desgraçado preço de 2$400 rs.!!!

A agua-ardente de 30 gráus cujo termo medio ha 10 annos era de 4$800 rs. o almude, chegou no anno proximo passado a 1$350, e este anno conserva o preço de 1$500! Procurar remedio a tão grave mal era uma necessidade.

Por vezes tinha sido lembrada a idéa de formar uma Companhia para proteger a Agricultura e Commercio de Vinhos da Provincia da Estremadura; esta idéa feliz, apenas concebida, pouca desinvolução tinha, e se alguma começava a ganhar breve se lhe acabava. Assim decorreram annos até que em 1842, a decadencia do valor dos Vinhos na Provincia, suscitou a idéa ao cavalheiro, cujo nome recordamos com prazer, o Sr. Diogo de Salles Pina Manique, neto do celebre Magistrado Diogo Ignacio de Pina Manique, de traçar um projecto para a creação de uma Companhia Vinicola da Provincia da Estremadura, e de diligenciar os meios de, convertido o projecto em Lei, levar a effeito a creação de uma Companhia; era isto uma idéa gigante cercada de innumeraveis difficuldades, mas não se acovardou elle, e começou de pôr em pratica seu pensamento.

A varios amigos o communicou, entre elles ao Sr. Ayres de Sá Nogueira, e Conde de Pombeiro, que com o maior zêlo se votaram e este objecto. O projecto foi impresso em differentes jornaes entre elles no Portugal Velho N.° 510 de 23 de Novembro de 1842: e um convite foi dirigido ás pessoas que então lembraram mais aptas para tal objecto, pedindo se reunissem em casa do Sr. Ayres de Sá, para tractarem de tão util coisa.

Para logo se realisou a primeira reunião com bons auspicios pois ahi appareceram os Lavradores Proprietarios e Negociantes de Vinhos, e Capitalistas respeitaveis; não houve distincção de parcialidades, ou cores politicas, e a reunião tomou desde o seu principio o character de Nacionalidade que a têem acompanhado.

Declarou-se instalada a Assembléa Geral e por acclamação se elegeu a Meza, sendo Presidente o Conde de Pombeiro, e Secretarios Ayres de Sá Nogueira, e Diogo de Salles Pina Manique.

Sentiu-se immediatamente a necessidade de formar uma *Commissão* a que fossem remettidos todos os trabalhos, que havia sobre o objecto, pois constava que os Srs. José dos Prazeres Batalhoz, e Domingos Antonio Barboza Torres tinham grandes trabalhos preparativos sobre o mesmo objecto, e até Projectos organisados, que ainda porém não tinham publicado pela Imprensa.

Foi nomeada esta *Commissão*, e se compôz dos Srs. *Conde de Pombeiro*, *Conde do Farrobo*, *Visconde de Azurara*, *Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão*, *Alfredo Lindinberg*, *José Roberto Gomes Alves*, *José dos Prazeres Batalhóz*, *Zacarias de Vilhena Barboza*, *e Domingos Antonio Barboza Torres*, a quem depois se adiram e os Srs. *Diogo de Salles Pina Manique*, *e Ayres de Sá Nogueira* que muito a auxiliaram.

Convidadas todas as Camaras Municipaes, e todos os interessados para coadjuvarem os trabalhos da *Commissão* muitos o fizeram, e em especial a Camara Municipal de Alemquer, que enviou um projecto seu para a formação da Companhia, obra de grande trabalho e de que muito se aproveitou a *Commissão*.

Concordes todos os Membros d'ella, na grande conveniencia e necessidade da creação da companhia, e em que a mesma precizava de um favor ou privilegio, e que nenhum outro preenchia bem o fim, a não ser o exclusivo da venda para consumo do vinho, vinagre, e agua-ardente na cidade de Lisboa, não foi possivel haver perfeito accordo no restante desinvolvimento do projecto; o Sr. *Domingos Antonio Barboza Torres*, separou-se da maioria, esta aprezentou o seu projecto, aquelle o seu voto em separado, que foram tambem impressos em diferentes jornaes, entre elles no *Portugal Velho* n.° 545 e seguintes de 13 de fevereiro do corrente anno, e *Restauração* n.° 222 de 22 de fevereiro, tambem do corrente anno.

Objecto em que interessava em especial uma provincia inteira, a Estremadura, de certo a maior, e a mais rica de todo o reino, precizo era que fosse pensado, discutido, e analysado pelo maximo numero de interessados: a *commissão* tendo préviamente alcançado por favor a sala do tribunal do commercio para suas sessões, convidou o grande numero de lavradores, proprietarios, e negociantes de que pôde haver conhecimento; e a todas as camaras pediu enviassem seus reprezentantes para assistirem e votarem na discussão do dicto projecto de companhia, apresentado pela maioria da *commissão*, e voto em separado do Sr. *Torres*, a fim de que do vencimento se organizasse um projecto, que subisse á sanção dos corpos legislativos. Todos os ministros, e grande numero de pares e deputados foram convidados.

Effectua-se a primeira reunião, e para logo pelo grande numero quer de convidados, quer de spectadores que concorreram, e pela sua posição na sociedade, se conheceu que a creação da companhia era objecto de grande monta, e a que se ligava um grande interesse publico: outra idéa se confirmou, isto é que tal reunião era completamente alheia da politica, e verdadeiramente NACIONAL.

Das camaras municipaes da provincia da Estremadura, quasi todas elegeram os seus reprezentantes, sem distincção de côr politica, e muitos pares e de-

putados; compareceram quasi todos apezar de ser um serviço gratuito, e que os obrigava a jornadas, e auzencia de sua caza e familia.

Gravissima discussão se levantou sobre a obrigação que se devia impôr á companhia, e sobre o privilegio ou vantagem que em troca d'este onus, se lhe havia de conceder.

Todos reconheciam que era do maximo interesse para a provincia da Estremadura, o ser a companhia obrigada a comprar todo o vinho da producção da mesma provincia; todos concordavam em que só este era o remedio radical: muitos porém discordavam de que fosse possivel a creação da companhia com este onus; ou por outra, que houvesse capitalistas que dessem o dinheiro necessario para a formação da companhia. A discussão, e outros factos aplanaram as difficuldades, e conheceu-se que era possivel a formação da companhia com este onus, mediando algumas modificações de pequena monta, e com tanto que em compensação d'este gravissimo encargo, se lhe concedesse o exclusivo da venda do vinho, vinagre, e agua-ardente na cidade de Lisboa.

Contra o exclusivo se levantaram então alguns strenuos defensores da liberdade do commercio, e com a melhor fé o combateram, (com estes votou, fóra da sociedade, a *Revista Universal Lisbonense*): e em substituição apresentaram differentes meios que intendiam prestavam á companhia vantagens eguaes ás do exclusivo; o contrario porém evidentemente se demonstrou, e reconhecido que o exclusivo não fazia prejuizo algum aos consumidores da capital, e trazia vantagens mil vezes superiores ao prejuizo, que a alguem em especial podesse cauzar, e que não era possivel ser substituido por outro algum meio com egual vantagem, foi por assim dizer quasi unanimemente aprovado o *exclusivo*.

Alguns que se nutrem da substancia dos lavradores, e que pela creação da companhia os viam livres de sua sujeição, começaram a minar quanto poderam contra a companhia: e não se atrevendo a atacar de frente a sua creação, começaram a clamar contra o *exclusivo*, convencidos, e com razão, que negado o exclusivo, impossivel era a creação da companhia; combatido aquelle, atacada era esta, e não lhe recaia tanto odioso.

Emquanto aos lavradores durante a discussão se dizia a occultas, que a companhia lhes podia dar maiores vantagens do que as promettidas no projecto em discussão, e especialmente que os preços deviam augmentar, apezar da grande vantagem que já davam sobre os actuaes; aos capitalistas se dizia, que o onus imposto á companhia da compra da totalidade da producção de vinho da provincia da Estremadura, era incalculavel, e muito superior a todas as vantagens que a companhia podia esperar, até do *exclusivo*.

Felizmente os lavradores e capitalistas conheceram bem os seus interesses e os do publico; aquelles limitaram suas exigencias no preço ao possivel; e estes continuaram apezar de tudo, a mostrar boa vontade de concorrer com fundos para a formação da companhia; sendo de notar que por esta occazião se confirmou uma idéa, já havida pelos verdadeiros conhecedores do estado da praça de Lisboa, isto é, que na mesma não faltam capitaes, mas só objectos de commercio, que promettam vantagem sem risco grande e eminente.

Com o maior tino, e prudencia, e com o mais perfeito conhecimento de cauza caminhou a discussão até final; e em ultimo resultado sendo encarregados pela assembléa, os seus dois socios *Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão*, e *Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman*, de redigirem conforme ao vencido o projecto e relatorio que devia ser apresentado ás camaras legislativas, acceitando elles este encargo o cumpriram a geral contento da mesma assembléa, sendo encarregado, e rogado o dicto socio *Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão*, para que attenta sua qualidade de deputado pela provincia da Estremadura, participando, como participava das idéas do projecto, uzando do direito que a sua dicta qualidade lhe dava, o apresentasse á camara dos deputados.

Antes de se dissolver a assembléa, reconheceu-se que se deviam temer difficuldades a que o dicto projecto fosse convertido em lei, e que portanto importava sobremaneira ficar já nomeada uma *commissão* permanente encarregada de empregar todos os seus esforços para que o dicto projecto se convertesse em lei: foi esta idéa unanimemente adoptada, e nomeados para a dicta *commissão* os Srs. *Visconde de Azurara*, *Visconde da Asseca*, *Barão de Almeirim*, *Barão da Fonte Bôa*, *D. Fernando de Souza Botelho*, *José de Sequeira Freire*, *Francisco Xavier de Lemos de Seixas Lacerda Castello-Branco*, *José Roberto Gomes Alves*, *José dos Prazeres Batalhoz*, *Antonio da Cunha Pessoa*, *Antonio Germano Barreto de Pina*, *Ayres de Sá Nogueira*, e *Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman*.

Apresentado o projecto na camara dos deputados foi impresso e o seu relatorio no *Diario do Governo* n.º 74 de quarta feira 29 de março do corrente anno.

Foi remettido á commissão dos vinhos, e ahi existe, sem que esta por emquanto desse o seu parecer.

Uma só difficuldade parecia encontrar o projecto, e esta era o exclusivo, que se dizia muito difficil de se alcançar, visto que o mesmo parlamento acabava de recuzar ao Porto o exclusivo das aguas-ardentes.

Não colhia a paridade, porque os dois chamados exclusivos deferiam essencialmente. Attendendo porém a que a formação da companhia vinicola na provincia da Estremadura, diminuia consideravelmente os inconvenientes, que se temiam da concessão do exclusivo das aguas-ardentes para o Doiro, e a que o melhor meio de aplanar a grande difficuldade rezultado da rivalidade de se conceder a uma provincia aquillo, que supposto diferente na essencia, vinha debaixo do mesmo nome generico exclusivo, era o procurar um accordo razoavel entre as pertenções das duas provincias Estremadura e Doiro, tal que não se hostilizando estas, e não prejudicando as demais se conseguisse o bem geral; estando ainda pendente na camara dos pares o projecto para a creação da companhia do Doiro, vindo da camara dos deputados, opinando a maioria da *commissão* d'aquella, para que á base estabelecida no projecto dos 150:000$000 réis se substituisse a do exclusivo, e a da minoria da commissão para que vigorasse a ba-

ze dos dictos 150:000$000 réis; considerando-se que um dos maiores obstaculos (aliás apparentes) da concessão do exclusivo do Doiro, fôra a opposição da provincia da Estremadura, julgou-se conveniente se reunissem os mais influentes, e intendidos na materia que fosse possivel, por parte da Estremadura e Doiro, e que attentas certas bazes de convenção reciproca entre Estremadura e Doiro, emvez da Estremadura fazer opposição á concessão do exclusivo da agua-ardente ao Doiro, e d'este se oppôr á creação da companhia vinicola da Estremadura, e da concessão a esta do exclusivo da venda do vinho, vinagre, e agua-ardente em Lisboa, reciprocamente se auxiliassem para que os projectos de uma, e outra companhia com a mencionada baze se levassem a effeito.

Uma reunião numerosa no dia 24 de março de 1843, e seguintes, em caza do sr. *Ayres de Sá Nogueira*, e apóz esta, outras se congregaram para este effeito, a que assistiram grande numero de pares e deputados, e a possibilidade de um accordo entre a Estremadura e Doiro, e demais provincias, para logo foi reconhecida; as bazes d'esse accordo não era possivel determinal-as de repente, e estando proxima a discussão e votação do projecto da companhia do Doiro na camara dos pares, effectuada a qual, quando negado o exclusivo, as difficuldades deviam redobrar; e reconhecendo-se outro sim que objectos administrativos, e eminentemente nacionaes como este, a pratica em todos os paizes aonde ha systema reprezentativo, é ser sempre consultado, e ouvido sobre elles o governo, decidiu-se na dicta reunião unanimente *«que se nomeasse uma commissão para participar ao governo o accordo dos lavradores e proprietarios das provincias da Estremadura, Doiro, Beira, Minho, e Traz-os-Montes alli reunidos de não só não hostilizarem os dois projectos de concessão de exclusivo para o Douro, e Estremadura, e antes pelo contrario coadjuvarem por si, e seus amigos politicos, quanto possivel, que ambos fossem approvados nas duas camaras legislativas, e a final convertidos em lei; e outro sim para consultar com o governo o modo de levar a effeito esta resolução concorrendo para tão util fim, de que se espera o melhoramento e fortuna das duas provincias, e de todo o reino; procurando tambem a dicta commissão combinar com o governo o harmonizar quanto possivel os dois projectos de modo que o mercado do Doiro para a agua-ardente da Estremadura e das outras provincias não diminua do actual.»*

Deliberando-se egualmente *«que esta commissão fosse composta dos srs. Visconde de Veiros, D. Fernando de Souza Botelho, Barão de Almeirim, Barão da Fonte Bôa, José Augusto Braamcamp, Ayres de Sá Nogueira, e Francisco Xavier de Lemos de Seixas Lacerda Castello Branco.*

A commissão cumpriu o seu encargo, e tendo ganho as melhores esperanças, caducaram de repente: a combinação não se levou a effeito, e o projecto passou com a baze dos 150:000$000 réis. ¿Não cuidaremos agora de perguntar ou provar, quem o culpado?

Ficando ainda subsistindo a unica difficuldade grande que obstava ao nosso projecto, outra sobre a qual ao principio houvéra sérias apprensões, que depois se tinham desvanecido, veio augmentar os embaraços; fallamos do art. 15 do tractado ultimo entre Portugal e a Grã-Bretanha.

Mas porque isto nos levaria agora mais longe do que podem comportar os estreitos limites do jornal, rezervâmo-nos para tratar esta, e outras materias com ella connexas, e com a amplitude que merecem, em os numeros seguintes. * * * * *

(Carta).

2029 Recebendo hontem a *Revista* vi uma petição de V. , feita a qualquer que conhecesse o processo da fabricação do assucar para que o publicasse. Em attenção ao que, muito apressadamente alinhavei esse pequeno artigo que não sei se o intenderão pelo mal escripto que vae, em que procurei rezumir o mais que me foi possivel os processos de que para tal fim se usa; mas com explicação sufficiente para poder servir de guia aos curiosos que muito agradavel é que vão apparecendo. Rezervo-me para mais de vagar tractar este objecto, mas no emtanto vae este que V. póde mandar publicar no seguinte ou proximo numero, para que o nosso amigo do Algarve não fique sem saber como se hade haver com a abobora ou com a abrótea.

Sou, etc.

Pedro de Roure Pietra.

16 d'agosto.

PROCESSO PARA A FABRICAÇÃO DO ASSUCAR.

Seria muito prolixo se tentasse escrever minuciosamente todos os processos que acompanham a fabricação do assucar, todas as machinas usadas para este fim, e a grande perfeição a que tem chegado modernamente esta industria em França, d'onde se deverá ramificar para todos os paizes onde o assucar se fabrica. Quem pertender estudar particularmente a maneira porque este fabrico se opéra, e todas as circumstancias relativas ao mesmo, póde consultar o *Cours de chymie organique appliquée aux arts industrielles et agricoles, professé au conservatoire royal des arts et metiers, par Mr. Payen; en 1842.* No emtanto para que não seja por falta absoluta de luzes, que algum curioso deixe de fazer as suas experiencias, que ainda que insignificantes sejam, sirvam ao menos de preparar ou promover o desinvolvimento que este importantissimo ramo de industria possa para o futuro ter em Portugal, paiz onde elle é inteiramente novo, e a quem póde vir a ser tão util: — e considerando até que nem todas as pessoas poderão obter immediatamente a obra que cito, rezumirei hoje em um pequeno artigo o processo mais essencial e mais facil, rezervando para outro tratar mais largamente este objecto, emittindo a minha opinião sobre aquellas plantas de que me parece se poderá obter com mais vantagem o assucar, e cuja cultura será mais facil, e que melhor se poderão acclimar no nosso paiz, se não forem indigenas.

Para se extrair o assucar de qualquer fructo que seja, é necessario primeiro reduzir este a polpa muito fina: o que se póde obter por meio de um ralador circular feito de folha de Flandres, sendo para servir em ponto pequeno, ou então para ponto maior um ralador grande, que será formado por um cy-

lindro de madeira de pinho, que contenha na sua peripheria parallelamente ao seu eixo muitas folhas de ferro collocadas em distancias convenientemente guardadas, e apertadas umas para as outras por meio de listões de madeira. Estas navalhas devem ser cortantes e afiadas á maneira de folhas de serra. De um dos lados do cylindro deve haver um taboleiro coberto onde se devem collocar os objectos que se querem submetter á acção do cylindro, opprimindo-os em sentido directo do mesmo, que girando sobre o seu eixo, produzirá com incrivel presteza o fim que se deseja.

Obtida assim a polpa da materia de que se pertende extraír o assucar, deita-se esta em sacos de lona bem fortes, que se collocarão debaixo de uma prensa, que pela sua acção fará extraír todo o succo da polpa que estiver dentro dos saccos, e que immediatamente a lançará em uma caldeira de cobre, que se porá ao lume, e com a maior brevidade para que não tenha logar a transformação d'este em alcohol.

Estas caldeiras se chamam de defeeação; em o succo n'ellas contido se elevando á temperatura de 60° juncta-se-lhe em pequena quantidade um leite de cal, que para este fim já deve ter sido extincta, o qual produz immediatamente a separação da albumina. N'este estado tira-se o liquido da caldeira, e se deixa arrefecer; então decanta-se o liquido claro e o restante côa-se por um filtro. Novamente se põe este ao lume, que então deve ser o mais forte possivel para se operar com rapidez a concentração, e durante esta se filtra varias vezes, sendo a ultima por um filtro de lã que deve conter o carvão animal novo, que ainda não tenha servido, e depois á concentração se continua até que o liquido alcança o estado de xarope, o qual se conhece huma vez que tomada uma pequena quantidade d'este entre o polegar e o index, formar de um a outro um fio que não quebre. Então se conhece que o assucar se obteve, e nos resta só tirar este da caldeira, e deital-o em outro qualquer vazo ou caldeira onde se meche muito bem até arrefecer: o melaço começa a sua separação; porém este só se obtem perfeitamente deitando o assucar em uma caixa de madeira, cujo fundo deve ser crivado de buracos muito pequenos, por onde escorre completamente, e no fim de duas semanas apparecerá o assucar christalisado.

Todos os utencís de que houver de se fazer uso durante o processo de extracção do succo das plantas ou fructos de que se pertenda obter o assucar, devem ser forrados de folha de chumbo não só para evitar a fermentação, mas tambem pela razão da economia; porque a madeira facilmente absorve o liquido que sobre ella tiver de passar, o que diminue em extremo a porção que se tiver obtido, obstando assim a que se possam fazer calculos exactos sobre a producção da planta de que se queiram fazer sérias experiencias.

Pedro de Roure Pietra.

Thomar 16 d'agosto de 1843.

RECEITA PARA MATAR RATOS.

2030 Toma-se uma porção de *milho*, põe-se a ferver em lume brando com bastante *cebola albarran* feita em quartos até estar bem cozido e ter absorvido toda a agua em que se cozer; separa-se, e inutiliza-se o que restar da cebola, e deita-se o milho estreme nos sitios infestados dos ratos, que o buscam, e comem com avidez, e morrem por maiores que sejam: repete-se a receita as vezes precisas até extinguir todos os ratos, acautelando sempre as gallinhas, e mais animaes domesticos para não comerem o milho assim confeiçoado. É remedio experimentado e decisivo para acabar com os ratos no interior das cazas, e nos saguões, quintaes, e pomares.

MEDICINA.

2031 O Dr. *Emilio Pereira*, que pelo appellido julgamos nosso patricio, e actualmente medico no hospital de Bordeos, em França, dirigiu em Junho ultimo, uma memoria á Academia das Sciencias de París, sobre o tractamento da phtisica pulmonar, cujo problema de curabilidade elle pensa haver resolvido.

«Desde 1837 (diz o Dr. *Pereira* na sua memoria) que eu penso, que os tubérculos pulmonares são da mesma natureza que os tubérculos dos outros orgãos, e desde aquelle tempo, as minhas observações quotidianas me teem confirmado na minha convicção de hoje. Assim como para os tubérculos não pulmonares é necessaria uma modificação especial, para que a natureza possa operar a sua resolução, assim tambem para os tubérculos pulmonares se deve recorrer ás mesmas indicações. Comtudo, os meios não podem ser os mesmos por causa das muitas differenças, que resultam do numero dos tubérculos e da importancia do orgam, em que elles estão desinvolvidos. Em obra de 9:000 enfermos, que eu tenho tido a meu cuidado desde 1838, observei 362 phtisicos, e d'estes 249 saíram, 110 morreram, e 7 existem ainda em tractamento; a metade, pelo menos, dos doentes que saíram, estavam n'um estado mui satisfatorio: quasi todos os dias vejo alguns, dos que ficaram na cidade, e a sua saude está bem conservada. O tractamento, de que tenho usado, é uma preparação *d'azeite de figados de bacalháo* (huile de foie de morue), e um regimen tonico e fortificativo: todos os meus doentes tinham os tubérculos ulcerados. Ha toda a razão para julgar, que se este medicamento aproveitou n'um estado de molestia tão adiantado, deve produzir resultados ainda mais certos, quando os tubérculos estiverem crús ou miliares.»

Não sou eu da faculdade por isso nada posso accrescentar sobre o assumpto; só os medicos-praticos poderão bem julgar do valor das asserções do Dr. *Pereira*, de que quiz dar noticia, tanto porque é possivel serem fundamentadas, como porque penso provirem de um portuguez.

Silva Leal.

UMA RECEITA DE MR. RASPAIL.

2032 Vemos com incansavel insistencia annunciadas nos jornaes de París as cigarrilhas de camphora *(cigarettes de camphre de M. Raspail)*. Diz-se que servem principalmente para os ataques de ásthma, catharro, tósses teimosas, e oppressões de peito. Vendem-se em París na botica da *Rue Dauphine*, *n.*° 10, e com ellas se dá uma explicação impressa do modo como se tomam.

PENNAS DE AÇO.

2033 As pennas metalicas inglezas de Bookman, cuja invenção e cujo aperfeiçoamento foram egualmente privilegiados, estão gozando de grande fama. São mais flexiveis que as de ganso: domam-se a todo o genero de lettra ou desenho, e não se enferrujam. Falta-nos saber se não incorrem na censura, que hoje se vae fazendo geralmente ás pennas de ferro, cuja escripta envelhece logo, e a final se vem a apagar pela decomposição chymica operada na tincta pelo metal.

Este ponto, com parecer frivolo á primeira vista, não desmerece a attenção dos sisudos, por quanto se affirma que a maior parte das escripturas, documentos e mais papeis monumentaes particulares ou publicos do nosso tempo, que não hajam sido impressos, dentro em alguns annos estarão perdidos.

GRAVURA EM PEDRA OU TISSIEROGRAPHIA.

2034 Começa a usar-se em França a gravura relevada em pedra pelo mesmo systema que a de madeira. A execução artistica, diz-se que é mais facil, e o effeito da impressão mais agradavel. As vinhêtas e ornatos assim feitos, reproduzem-se em *clichés* perfeitamente.

É de esperar que os nossos gravadores, lendo este annuncio, não deixarão de fazer suas tentativas e de ser n'ellas bem succedidos, no que lucrarão os jornaes de instrucção e recreio e o publico.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

A ACADEMIA DO NUNCIO.

24 d'agosto de 1715.

2035 Em tempos d'el-rei D. João V. estudou-se, e muito, e de vontade. Assim o disse um illustre escriptor que alcançou ainda aquella edade. E na verdade qual seria o cantinho de Portugal, em que não houvesse então uma academia? N'este fervor academico chega a Lisboa monsenhor Firrão, nuncio extraordinario de S. Santidade, a trazer a elrei as faxas, de que o papa fez presente para o recem-nascido principe, que depois foi rei, D. José. Como esperto romano, conheceu o novo nuncio quanto elrei, e a gente principal se prezavam de cultores das lettras; e como destro politico quiz (digamol-o assim) fazer-lhe a côrte, instituindo tambem no seu palacio uma academia. Foi o dia 24 d'agosto de 1715 o solemne da sua abertura, com assistencia do cardeal da Cunha, de monsenhor Bicchi, nuncio ordinario em Lisboa, de alguns senhores da primeira qualidade, e dos religiosos mais doctos dos conventos da côrte. Rompeu a conferencia com uma oração, a que os de seu tempo chamam eloquente, o conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. Foram assumpto da conferencia a historia, canones, e dogmas do concilio Niceno: e coube em sorte por bilhetes o discorrer n'esta primeira sessão; 1.º sobre os canones ao doctor João da Motta, conego magistral da capella real; 2.º sobre os dogmas ao padre João Tavares, da companhia de Jesus, resultor de cazos em S. Roque, 3.º sobre a historia do dicto concilio ao padre mestre Fr. José da Purificação, religioso da ordem de S. Domingos, lente de prima de theologia. — Durou a academia até septembro de 1716, em que monsenhor Firrão passou a nuncio dos cantões suissos. Tornou elle depois a Portugal como nuncio ordinario, e em seu tempo foi a ruptura d'elrei D. João V. com a sancta sé.

J. H. da Cunha Rivara.

ROSA E THESOIRO.

CONTO DE FADAS.

2036 *O mundo é uma coisa bem triste.* — É de certo, porque todos o dizem, e não é de crer que todos mintam.

Conheci n'outro tempo — quando era ainda pequeno — uma pobre velha, que passava a vida ao canto do lume a fiar na sua roca de cana, e a beber o seu golo de agua-ardente, e que, apezar da vida de paz que levava, dizia isto mesmo: e desde então fiquei tão convencido d'esta verdade, que nunca mais a pude desarreigar da alma.

As velhas são ás vezes, — e talvez sempre, — fataes n'este mundo. — Eu, que vou contar-vos uma historia, ainda não conheci nenhuma que o não fosse.

Ora, se o mundo é uma triste coisa, é o que a mim me não importa; com tanto que tenha as minhas manhãs para dormir; as minhas tardes para pensar e regar a rozeira da minha janella; e as minhas noites para conversar com uma mulher a quem amo, e olhar para as estrellas do céu, e para as estrellas mais formosas dos seus lindos olhos.

Mas é sobre tudo a minha rozeira, que me dá prazer. — É porque ella é na verdade a rozeira mais linda d'este mundo; — a rainha das rozeiras.

Imaginae — se já alguma vez imaginastes — uma rozeira verde e viçosa, que é um gosto vêl-a; com as suas folhas recortadas, com os seus *foliolos* tenros; com os seus *aculeos* ameaçadores, como os alfinetes de uma formosa esquiva; as suas flores brancas, e puras, como a candura de uma virgem; tendo, escondidos no seio, os seus estames como uma mina de oiro, como um thesoiro de encantos!

A roza branca é a mais linda das rozas! — A roza da primavera é a mais cheia de perfumes, e pulando pelos prados, vive simples e abandonada ao ar e ao orvalho a vida livre dos campos. — A roza amarélla é a roza exotica, fóra do natural, e por isso sem sabôr, sem belleza, sem perfume. — A roza do Japão é a Dona orgulhosa, que vive nas salas, entre veludos, em leitos de oiro, sobre os mais lindos seios, que palpitam de amor. — Mas a roza branca! — Essa! — é a roza das rozas, é a flôr das flôres; candida, engraçada, e pura como um primeiro sonho da infancia.

É sobre uma das rozas brancas da minha linda rozeira, que se passou o conto que vou contar-vos. — Conto de fadas é elle, d'aquelles de que hoje se rí essa gente por ahi, e que d'antes tanto prazer davam quando eram contados por uma bocca bem linda, ao pé de uma fogueira bem acceza.

Hoje ninguem crê em fadas; mas creio eu ainda, porque não vejo razão para deixar de crêr.

Quem não crê é máu, e eu não o quero ser. — Nem vós tambem, não quereis ser máus; sois assim porque. . . . . . — nem o sabeis.

Ora pois vamos á historia.

Uma tarde, — uma das minhas tardes felizes — estava eu á minha janella ao pé da minha adorada rozeira; estava a olhar para o céu, que era côr de roza, para as nuvens que eram côr de fogo, e grandes como castellos; para as montanhas ao longe, que eram azues; e para o mar, que era espelho d'aquillo tudo; e cá na minha cabeça a scismar, a scismar porque eram os homens tão máus, e o mundo tão cheio de encantos; quando ví vir pelo ar uma borboleta: — uma borboleta linda como os amores.

Suas azas eram de oiro, bordadas de azul, e com dois olhos vermelhos de fogo. — Não vistes, não vistes nunca mais rica borboleta.

Tarde feliz para mim foi a tarde, em que a vi. — Nunca pastor cantado por Virgilio, ou por todos os que escreveram essas éclogas de saudosa memoria, passou tarde mais simples e mais ditosa entre as flores do prado.

Não me faltava nada, senão a harmoniosa frauta, o balar doce dos cordeiros, e o pular engraçado das cabras sobre os rochedos escarpados.

Mas nem isso me faltava; que tinha emvez da frauta harmoniosa, o assoviar desharmonico de um boleiro; emvez do balar dos cordeiros, o estridente ranger da lima de um ferreiro; e emvez do engraçado pular das cabras, o spectaculo desengraçado de um rapaz que saltava freneticamente sobre um marco da rua. — *Amenidades* de uma cidade civilisada.

Ora a borboleta veio pouzar-se sobre a minha roza branca, mesmo ao pé d'uma industriosa aranha que tinha vindo alli armar as suas redes de caça.

Esta aranha, que eu havia muito conhecia, tinha alguma coisa de magico, e de medonho. — Sua fórma cylindrica; seu peito ruivo; seu corpo pintado de azul, de vermelho, de verde, e de amarello; brilhante como uma armadura de papão de drama moderno; os oito olhos que a coroavam, tudo infundia horror.

Parece que esta aranha tinha grande reputação de feiticeira entre os insectos: talvez por ser de outra casta. — É mania em todos, até nos homens, que são *razoaveis*, e *philosophos* por essencia, attribuir maior valor ao que é estrangeiro.

A boa da borboleta disse então assim á feia da aranha. — Poderosa feiticeira; rainha dos encantos; minha bôa amiga quero. . . . quero que me salves. . . . . — Sou infeliz, e tu bem o sabes.

— Que me queres? — perguntou a feiticeira.

— Olha; escuta-me. — Já te contei que um dia, quando estava sobre uma roza-branca, como esta em que estou agora; — era n'um jardim, de um conde. — De um conde que diziam ser muito nobre, muito bonito, e muito rico; e que eu queria vêr, e conhecer, e talvez amar. — Ví vir um rapaz, nem te sei dizer. — Amei-o logo. — Era elle; era o meu Conde. — Puz-me a voar, para que me visse: e alcancei o que queria. — Elle quiz-me apanhar, fingi fugir-lhe, mas deixei-me prender. — Estava tão satisfeita de me sentir apertar pelos seus dedos! — Resolví fazer com que me quizesse matar; porque bem sabes. . . . .

— Sei, sim; sei que quando estás em perigo de morrer, pódes por uma hora tornar a tomar a tua verdadeira fórma.

— E sabes que sou linda . . . . .

— Diz o resto. — Exclamou a aranha com impaciencia.

A borboleta continuou, depois de ter enxugado dez mil lagrimas, que corriam dos seus dez mil olhos.

— Ora para que elle me quizesse matar fugi-lhe; e depois não me deixei mais agarrar; até que elle — cruel, como são todos. — quiz-me dar com o lenço. — Era o que eu desejava! — Quando ía quasi a matar-me, tomei a minha fórma de mulher, e tão linda, tão linda era eu, que elle me caíu logo de joelhos aos pés. — E disse que me amava. . . . que eu era formosa. . . . que era um anjo. . . . que nunca amaria outra. . . .

— O que elles dizem sempre; e não cumprem nunca; — como nós. . . . como todas! as mulheres. . . . como toda a gente. — Continua.

— Abracei-o; beijei-o. . . . ri. . . . chorei. — Nem eu sei. — Estava tão contente, tão feliz! — Peguei n'uma gôtta de orvalho, e fiz um palacio de christal; d'um fio de teia d'aranha fiz os mais ricos tapetes; com o suco da rosa enchí um lago perfumado; com uma folha cobri um prado de verduras. . . . — E elle quando viu isto tudo, ainda me pareceu mais amante, mais apaixonado. — Enlaçou-me nos braços; fascinou-me com os olhos de fogo; e sentí. . . . — não posso dizer o quê: mas nunca tinha sonhado tanta ventura!

— Não digas o que sentistes. — Quem é que o não póde imaginar?

— Pois olha, feiticeira, talvez ninguem: — para o imaginar, é preciso amar como eu, e. . . .

— O amôr é raro; mas . . .

— Não é só raro. — Estou quasi a vêr que não existe.

— Mas essas paixões; esses suicidios . . .

— Vaidades! Loucuras! — E carrancudas ambas ficaram em silencio, por algum tempo; como dois philosophos de 20 annos, que calculam a perdição do seculo ao canto d'uma salla de baile, ou dois auctores dramaticos que contam pelos dedos as victimas desaventuradas dos quintos actos dos seus novos dramas.

— E depois? — Perguntou a aranha, como seguindo ainda o seu pensamento.

— Depois, — respondeu a outra — a hora passou; eu tornei-me outra vez borboleta, e elle . . . — nunca mais o vi; fugiu-me; quil-o seguir, mas faltaram-me as forças . . . — fugiu-me . . . — deixou-me. — Quero vêl-o, quero vêl-o, senão . . . morro. — E estas ultimas palavras disse-as a pobre da borboleta com tanta dôr, que me senti quasi a chorar.

— Queres vêl-o — olha que te arrependes . . . e muito.

— Quero vêl-o, quero vêl-o — repetiu a desaventurada!

— Ahi o tens; vê-o.

E n'uma gôtta de agua suspensa a uma folha, a luz refrangia-se, e os seus raios concentrando-se n'um foco representaram no ar uma imagem ao principio confusa, mas que depois se tornou cada vez mais distincta.

Ora esta imagem representava um formoso joven ajoelhado aos pés de uma candida menina, que era um anjo... mais ainda que um anjo. — A menina reclinou a cabeça, e os labios dos dois amantes encontraram-se; depois cairam nos braços um do outro; depois... — A pobre borboleta deu um grito de desesperação; e a imagem desappareceu.

— Porque... porque se apagou aquella imagem? — Quero morrer de dor, mas quero morrer vendo-o — murmurou a desaventurada.

— Tive dó de ti: não quiz que padecesses mais — respondeu a aranha.

— Mas...

— Serás vingada.

Palavras não eram dictas a imagem appareceu de novo; mas a menina já não era aquella formosura angelica que tinhamos visto: era uma velha hedionda; com um nariz longo e curvado, com a testa baixa, e enrugada; com os olhos encovados, e brilhantes como os de um gato; com a barba quasi tão longa como o nariz; e a bocca armada de uns dentes amarellos, longos e agudos como os de um tigre. — E o moço conde cobria-a com delicias de mil affagos; e cada beijo da velha era uma mordedura profunda d'onde corria uma fonte de sangue.

Pouco a pouco os dedos mirrados da velha alongaram-se prodigiosamente e uma membrana transparente o involveu; o corpo cobriu-se-lhe de pellos; e a cabeça alongou-se-lhe ainda mais; até que tomou a fórma perfeita de um vampiro que, abrindo com a sua lingua aguda e penetrante como uma lanceta, a carne do infeliz amante, começou a sugar-lhe o pouco sangue, que ainda lhe corria nas veias. — E o conde continuava sempre os seus affagos apaixonados.

— Queres que morra? — perguntou a aranha tranquillamente, á sua infeliz companheira, a quem a dor tinha quasi feito perder os sentidos.

— Não, não — respondeu esta — não... talvez que ainda me ame... — Se me visse, se ainda me visse!....

Tive dó d'ella, e estendi a mão para a matar.

Eis que a linda borboleta se transforma n'uma fada mais maravilhosa, do que todas as maravilhas que eu tinha imaginado no devanear vago da minha imaginação fantastica.

O vampiro foi-se; e ficou só o corpo quasi sem vida do pobre conde.

A fada reclinou-se sobre elle; e perguntou-lhe com uma voz meiga, pura, e harmoniosa como o som que produz a vibração de um christal. — Conheces-me, conheces-me?... — Amas-me ainda?...

— Conheço — respondeu o joven amante — conheço; e odeio-te; que é por tua causa que pad....

— Mata-o; mata-o — bradou a pobre fada, estendendo as mãos para a aranha.

O vampiro tornou a apparecer; e a fada fez-se de novo borboleta.

Então o vampiro perdeu as azas; o seu corpo começou a estender-se prodigiosamente, e a cobrir-se de escamas que brilharam ao sol, com milhares de côres; e transformou-se em fim n'uma *boa* medonha; que enlaçando-se em roda do corpo do ingrato conde, lhe esmagou os ossos, que eu sentia estalar por um modo horrivel.

A borboleta tambem se transformou n'um *scorpião*: suas azas cairam; suas antenas tornaram-se longas, e ameaçadoras; e sobre as costas abriram-se-lhe dois olhos brilhantes e medonhos.

As bordas do vaso da minha rozeira, tornaram-se ardentes; e o pobre *scorpião*, como esses, que as creanças cercam de um circulo de carvões accezos deu primeiro umas poucas de voltas para vêr se achava uma saída d'aquelle circulo de fogo; depois tendo perdido as esperanças todas, levado pela terrivel desesperação, que tantos martyres tem feito, o infeliz atravessou-se com o seu proprio dardo envenenado. — E morreu...

— Pobre, pobre fada!

A rozeira seccou; e dentro do vaso, emvez de terra havia um rico thesoiro de oiro e diamantes.

Estendi os braços para aquelle vaso precioso; mas tudo desappareceu.

Isto não tinha sido mais do que um sonho.

Sonho; sonho máu!

Mas, não é sonho, não: é uma verdade, verdade que faz tremer.

João de Andrade Corvo.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2037 Não as temos que valham a publicação.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

2038 *Diario do Governo de 17 de Agosto.* — Annuncios para Arrematação total ou parcial das obras das Estradas, para que o Governo está auctorisado pelo Art. 8.º da Lei de 26 de Julho ultimo.

Idem de 18. — Portaria negando ao Governador Civil de Ponta Delgada o augmento da quantia consignada para a conservação dos Mosteiros. Outra sobre mullas judiciaes. Outra sobre despacho dos generos que embarcam para consumo das tripulações dos Navios.

Idem de 21. — Portaria sobre a regularidade do serviço nas Repartições, e licenças abusivas dos empregados publicos.

Idem de 22. — Portaria sobre pagamentos em virtude de ordem de auctorisação. Outra exigindo de differentes Governadores Civis informações relativas a pertenções fundadas nos Dec. de 26 de Novembro de 1836, e Carta de Lei de 5 de Novembro de 1841. Outra para que nas Estações publicas não sejam recebidas Notas algumas que não sejam as do Banco de Lisboa.

SAUDOSAS RECORDAÇÕES NA MORTE DA EXM.ª SR.ª D. JOANNA DE NORONHA, FILHA MAIS VELHA DOS SRS. CONDES DE PENICHE.

TRIBUTO DE GRATIDÃO.

» *Paga a saudade*,
» *Com que t'o digo:*
» *Sente o que eu sinto*,
» *Geme comigo.*
DA EX.ma FINADA.

2039 EXISTENCIA! atomo imperceptivel no centro da eter-

nidade! — belleza, ingenho, e mocidade! adornos vãos com que o pó da terra, e o nada d'este mundo se atavia — não me occuparei de vós, que passaes, como a electrica scentelha, que passa, e nem sequer deixa vestigios! não me occuparei de vós, que outra coisa não sois mais do que timidos escravos, que a morte sujeita facilmente, e maniata ao carro do seu triumpho!

VIRTUDE! emanação de Deus; tu, sim, tu só és digna de ser cantada ao som das Harpas Celestes, que não pela voz humana! Além da virtude é a vaidade, além de Deus o abysmo — Deus, e a virtude, eis os dois portos seguros, onde póde lançar ancora o baixel da vida humana.

Uma virgem ainda ha pouco no verdôr dos annos, uma virgem, que era a terna amiga de sua mãe, a muito querida de seu irmão, o esteio dos pobres, a protectora officiosa dos desvalidos, o conselho dos velhos, a alegria dos moços, a confidente das amigas, e a esperança de todos; uma virgem, que ao sangue real de seus remotos maiores junctava as virtudes, e os talentos de seus mais proximos avós; essa virgem, esse anjo de paz, e de alegria, lá dorme o somno dos justos na habitação dos finados!

E com tudo mal diria ella, ha seis mezes, essa virgem pura, e formosa, que a pequena, e singela quadra, com que descrevia AMOR havia servir de epigraphe á Nenia saudosa, com que choramos sua morte!

Elogio que se fizer á virtude ha-de ser o mais bello epitaphio, que se lavre sobre a loiza, que esconde os despojos mortaes da filha illustre dos Condes de Peniche, da nobilissima neta dos Marquezes d'Angeja, e Penalva, da EXM.ª SR.ª D. JOANNA DE NORONHA.

Nós, que a vimos ainda infante, que a acompanhámos na puericia, que a respeitámos, e admirámos na juventude, nós, que velámos juncto do seu leito de agonia, e morte........ não podêmos conter as lagrimas, nem suffocar os gemidos; e seja este o tributo, o luctuoso tributo de gratidão, e de amisade que paguemos á memoria de uma das Senhoras mais illustres, e mais illustradas da nossa edade.

É doce fallar dos finados — conversar com elles — viver das suas recordações, e cercado de cyprestes saciar o coração d'este deleite, cuja doçura só compreendem as almas, que senhorêa o mistico sentimento da saudade.

Ha vinte annos um velho honrado, respeitavel por suas caus, e por suas virtudes, a quem os Paes haviam confiado a educação da terna filhinha, e do qual já um d'elles tambem a havia recebido, ha vinte annos lançava esse velho venerando no coração da innocente virgem as sementes da sabedoria, e da virtude.

Afigura-se-nos vêl-a sentadinha juncto do seu velho, e bom mentor, ouvindo attenta suas licções, licções de lettras, e de moral. Ora ensinando-lhe a ver a omnipotencia de Deus na immensidade dos Ceus, ora a sua sabedoria na providencia admiravel do mundo. Assim o ancião respeitavel encaminhava pelas licções da geographia o espirito infantil para a contemplação da Divindade.

Ora a levava comsigo a viajar pelas regiões da historia tanto sagrada, como profana. Aqui, lhe mostrava o mundo, surgindo á voz de Deus; alli, um povo levantando-se da escravidão á voz poderosa d'aquelle, cuja infancia a filha dos Pharaós salvára ás margens do Nilo (*). E ella aprendia a ser forte com Judith, e a ser virtuosa com Suzana. E no Paço de Jacob e Rachel não tanto a enlevavam a formosura d'esta, como a constancia d'aquelle.

D'alli passava á historia dos Romanos, dos dominadores do mundo — subia com ella ao Capitolio, e d'essa altura lhe fazia saborear o spectaculo da magestade das legiões romanas. Os tragicos successos da Senhora do mundo, fazia ligar depois com a tragica morte de Viriato, e este o laço que prendia a historia d'aquelle povo ao povo da Luzitania, e decorrendo pela longa serie dos Reis d'estes reinos, no reinado de cada um quasi sempre lhe fazia achar feitos sublimes de seus avós, exemplares licções de valor e de conselho na cadêa não interrompida de seus maiores.

(*) Lindo episodio d'um poema inedicto a Mosaida por F. A. F. da S. B.

A par de conhecimentos pouco vulgares d'Historia, de Geographia, e das linguas mortas, fallava, escrevia, e traduzia o francez com perfeição, e era eminente em todos os ramos da litteratura contemporanea. Chateaubriand, e Lamartine eram os seus livros.

A illustre donzella, que deploramos, não vivia só para si, que lh'o não consentia nem o seu genio, nem a sua afabilidade. Fazendo lindos versos, ou tirando acordes sons da sua harpa, e do seu piano, minorava assim o soffrimento saudoso da negra viuvez de sua mãe virtuosa.

¡Mas vêde o inconstante rodear da vida humana; ou antes curvemo-nos submissos aos Decretos da Providencia!

Vinte annos depois na ante-camara pegada áquella, onde a casta virgem tinha até alli feito os encantos da sua triste familia... Vinte annos passados, ouvia-se apenas o estertor da morte, e as preces da agonia do Sacerdote do Senhor....

A moribunda era a virgem... e o Sacerdote que a acompanhava ao saír d'este mundo era um dos filhos do Mentor virtuoso que a tinha guiado na entrada da vida... *¡Altos juizos de Deus!*

Mezes antes havia a Dama innocente vaticinado com pequena differença o dia do seu passamento.

Tres semanas antes da morte, horrivel paralysia lhe tinha tolhido a voz; mas o doce nome de Jezus foi a unica expressão, que a molestia fatal lhe não pôde roubar.

¡Nem a morte lhe podia arrancar dos labios puros a expressão do sentimento mais charo ao seu coração!

O corpo da Virgem jaz no cemiterio dos Prazeres, a sua alma candida habita com Deus no seio dos Justos, e tu benevolo Leitor

» *Sente o que eu sinto,*
» *Geme comigo.* * *

A BIBLIOTHECA PUBLICA DE BRAGA.

(Carta.)

Cá e lá más fadas ha.

2040 O artigo 1839 da *Revista Universal* tão casado com o bom gosto, tão cheio de poezia; ¿que digo? tão digno da seductora penna do Sr. Silva Tullio, lá deixa transluzir o desgosto, que lhe causam irreflectidas deliberações municipaes; esse desgosto prova, que o Sr. Tullio nunca foi Vereador, porque o credo dos homens, que se assentaram nas cadeiras da governança de um municipio, é essencialmente differente do credo, dos que estão cá de fóra: os homens cá de fóra gritam e ralham contra muitas posturas municipaes, e muito mais contra as contribuições directas, indirectas, ou mixtas; mas se entram lá para dentro, é outra coisa; já as contribuições são uma necessidade, não se póde prescindir de um real; é preciso até apresentar projectos, que nunca se levam a effeito, para se poder com mais desafogo lançar um imposto sobre este ou aquelle genero de consumo.

A prohibição das fogueiras em noite de S. João, chama o Sr. Tullio — obra da mais prosaica, e assustadiça postura municipal — ¿mas como chamaria elle á representação, que a Camara Municipal de Braga levou á Camara dos Pares, para demittir de si o onus de costear a despeza da bibliotheca publica, que a anterior vereação tinha pedido ao Governo, lhe auctorisasse? ¿Que diria o Sr. Tullio, ou que dirão os homens, que amando as letras, querem salvar da aniquilação geral os livros, e os manuscriptos aglomerados no convento dos extinctos congregados d'esta Cidade, e que viam pelos incançaveis, e estudiosos desvelos do Sr. *Manuel Rodrigues da Silva e Abreu* surgir, como de um profundo cahos, um novo mundo, isto é uma bibliotheca de

quasi 30:000 volumes, que sómente esperava se completasse o salão, em que havia de ser colocada, estando os trabalhos do seu cadastro geral já em grande adiantamento? ¡Que dirá, quando saiba, que tendo a camara em seu poder os meios, para mandar concluir as obras, estas estão ha longos mezes paradas, sem mais se pregar um prégo! ¿Que dirá quando souber que se concederam á camara no começo do anno os meios pecunarios, para pagar ao bibliothecario, e a um mizero empregado, unicos que levaram a effeito tão laboriosa empreza, como a de classificar, e pôr por ordem tão avultada somma de livros, e que os vereadores vem agora dizendo á camara dos pares da nação portugueza, que não teem meios para taes despezas, e que é força, que ellas sejam feitas á custo do thesoiro, que é o mesmo, que pedir a destruição do intentado estabelecimento, e exoneração dos empregados? Dirá, que isto é um sonho: pois não o é, senhor redactor; o caso é muito real.

Aos homens da camara como particulares ninguem negará probidade, e honradez; de alguns sei, que mereceram sempre este conceito; porém em minguada hora foram assentar-se nas cadeiras da municipalidade, porque lá padeceram uma total transformação: o animal homem não é o animal vereador: aquellas cadeiras estão em toda a parte contagiadas, e o contagio communica-se a quem n'ellas se assenta: os homens da camara de Braga, por exemplo, ainda hoje fóra da Camara pelo menos alguns que eu sei, merecem respeito, e veneração, mas reunidos em camara são os septe peccados mortaes, são como uma das pragas do Egipto, é a camara do Cometa de 1843.

Ora V. , que tem aformoseado as columnas do seu jornal com tantos descobrimentos uteis á humanidade, não lhe esquecendo a extincção dos calos, a sanidade dos dentes, a conservação de uma côr enganosa no cabello, que lhe não passou por alto nem o modo de navegarmos lá por onde as andorinhas passeiam, ¡não descobrirá um remedio, para conservar no homem as suas boas qualidades moraes, em sendo vereador na camara da sua terra? Ah! se isto excede humanas forças, veja se pelo menos consegue dos actuaes vereadores de Braga, que arranquem de sua alma o resentimento de uma vingança não sómente torpe, mas injusta; que não queiram deixar o municipio marcado com o ferrete da infamia, e da execração publica, que façam progredir as obras da bibliotheca, e que prescindam de explicações parlamentares, que sómente redundam em descredito da vereação, e prejuizo do publico.

Este meu rogo podia ser muito augmentado, mas nem tudo se póde dizer, nem sempre é occasião para isso: concluo, assignando-me

De V. etc.

Braga 7 de Agosto de 1843.

Antonio Barreto Pereira de Araujo.

A GRANDE RÉBECA.

2041 A 20 no Theatro Nacional da Rua dos Condes;—representação em beneficio do Sr. Masoni. Haverá um magestoso concerto, em que a sua perigrina rebeca desempenhará a parte principal; e umas brilhantes variações novas por elle executadas no mesmo instrumento. Todos os artistas e amantes de musica acudirão a apresentar n'essa noite as homenagens da sua admiração a este benemerito professor do nosso Conservatorio.

OS AÇOITES NO CADAVER INNOCENTE.

2042 Em todos os jornaes se leu—«que para as partes de Caxías se havia lançado a um poço e n'elle morrido affogada uma rapariga, e accrescentavam que o achar-se pejada, e ao mesmo tempo convencida de que seu amante a não desposaria, fôra o unico movel d'aquella funesta deliberação.» Sobre isto choviam improperios contra o seductor, que segundo tambem se dizia, andava a monte por se esquivar ás perseguições do judicial.

De tudo isto só é verdade o ter-se lançado a um poço e ahi morrido, não juncto a Caxías mas em Carnaxide, uma formosa e honesta moça de vinte e cinco annos, que vivia em companhia de seu irmão e seu pae, viuvo.—Chamava-se Maria da Conceição, e andava justa para casar com um pastor da visinhança. Contrariedades, que á suspirada união se levantaram de subito por parte, segundo parece, da mãe do noivo, foram as influidoras do pensamento mau.

Recolhia o triste viuvo ao meio dia do seu trabalho á poisada para jantar, quando deu pela falta. Correu pela visinhança inquirindo e chamando—de nenhuma parte lhe respondia a voz, que elle esperava: as informações, que elle pedia, não lh'as sabia dar ninguem. Foi então que o instincto do coração paterno o conduziu á borda do poço fatal, e lhe descobriu lá no fundo a ultima flor da sua vida, o consôlo derradeiro de seus annos cançados, a gloria de suas cãs, aquella em quem elle esperava de reviver depois de morto, morta ainda antes d'elle.

Um resto com tudo de esperanças se divisava no fundo d'aquella escuridade. O vestido, que sobrenadava, movia-se ou fosse por effeito de se ir ensopando e expulsando atravéz do tecido o ar incluso, ou porque ainda no corpo permanecesse algum resto de acção vital. Brada por soccorro, buscam-se instrumentos; extrae-se. Applicam-se-lhe os remedios costumados contra este genero de asphyxia; mas a malfadada não pertencia já á terra dos vivos.

Antes de a darem á sepultura procedeu a justiça ao exame do corpo de delicto: o facultativo, que ahi foi, declarou e attesta que Maria estava pura como as estrellas.

O irmão de Maria, referindo o caso á pessoa fidedigna de quem o soubemos, não chorava:—é porque nos filhos do campo ha uma grande confiança na Providencia, e por isso uma força consolatriz intima, que fallece—quasi sempre aos da cidade. Quando porém chegou ao que lhe constava, que os papeis haviam mentido contra a virtude de sua irmã, desatou em lagrimas e soluços, interrompeu-se e fugiu.

Homens que tendes uma penna entre os dedos, e alli á esquina uma impressa, para multiplicar de noite aos milhares o que ella escreveu, e á vossa porta uma duzia de corredores para o derramarem pela capital, e n'um grande palacio malas e cavalgaduras para o generalisarem pontualmente até aos ultimos confins do reino, e Deus sabe se do mundo,—Jornalistas—pensae nas lagrimas d'este rustico, antes de escreverdes;—depois de haverdes escripto pensae ainda n'ellas.